

## EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E A SABEDORIA ANCESTRAL DOS RIOS

CRISTIANE MÉRI PEREIRA BUENO<sup>1</sup>

UFPR, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-7333-6766>

FLÁVIA DINIZ ROLDÃO<sup>2</sup>

UFPR, UNIBRASIL, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0003-1598-3989>

ARACI ASINELLI-LUZ<sup>3</sup>

UFPR, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0001-5880-0543>

YANINA MICAELA SAMMARCO<sup>4</sup>

UFPR, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-7557-0126>

---

### RESENHA

KRENAK, Ailton. **Um Rio Um Pássaro**. Rio de Janeiro: Dantes, 2023.

---

*Um rio Um pássaro* foi publicado em 2023 por Ailton Krenak. Nascido em 1953, em Itabirinha, na região Vale do Rio Doce, Minas Gerais, o autor é um filósofo da floresta e um dos principais defensores ambientalistas brasileiros. Líder, porta-voz e protetor dos povos indígenas, ele é crítico quanto ao modo capitalista de depredação e agressão contra a natureza, especialmente ao que compete aos rios.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa Pós-Graduação em Meio Ambiente – PPGMADE, Universidade Federal do Paraná. Professora da Rede Municipal de Curitiba – PR. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5398537862767521>>.

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Educação na Universidade Federal do Paraná (em andamento). Professora do UNIBRASIL – Centro Universitário. Membro dos Grupos de Pesquisa: Cognição Aprendizagem e Desenvolvimento Humano (Universidade Federal do Paraná); e do GEPEPECOE (Universidade Federal do Paraná). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/9161244109982161>>.

<sup>3</sup> Possui graduação em História Natural pela Universidade Católica do Paraná (1969), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (1987) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2000). Tem especialização em Ensino de Ciências, em Psicodrama Pedagógico e em Prevenção da Violência Doméstica contra criança e adolescente. Atualmente é professora aposentada associada junto ao Departamento de Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná e professora sênior voluntária junto ao PPGE e PPGETPEN, Setor de Educação da UFPR. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/9511955646520341>>.

<sup>4</sup> Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Engenharia Ambiental pela Universidade Federal de Santa Catarina e Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Autônoma de Madrid, Espanha e pela ESALQ/USP. Atualmente é Docente na Universidade Federal do Paraná. Parte do corpo docente da Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMADE). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1368986864008025>>.

A obra *Um rio Um pássaro* constitui-se de relatos e reflexões; e divide-se em duas partes. A primeira parte, composta por cinco capítulos, discute a formação dos primeiros movimentos indígenas no Brasil e a visão ancestral destes povos sobre a floresta. A segunda parte traz um texto provocativo, referente à neutralidade suíça diante do colapso da crise climática, além de um diálogo em diferentes percepções filosóficas sobre a ruptura entre a natureza e a cultura.

Neste contexto, a primeira parte da obra apresenta um dos caminhos da sabedoria ancestral, que é a comunicação com a linguagem dos sonhos, uma tradição indígena cujo sentido é conectar-se aos antepassados. O ensinamento dos sonhos significa para a ancestralidade uma direção a seguir e, simbolicamente, configurou o futuro de Ailton Krenak como a principal liderança na resistência contra os abusos praticados aos povos indígenas. O autor descreve o sonho como uma herança cultural. No sonho narrado por Krenak, a conexão entre o passado e o futuro estabeleceu a decisão de dedicar-se às tradições de seu povo. Para o autor, o despertar para a sua existência provoca o sentido de pertencimento, dando voz e oportunidade para outros povos indígenas que viviam às margens de suas próprias histórias.

A título de exemplo de tais afrontas, o autor destaca que, na década de 1970, o governo brasileiro iniciou grandes projetos de exploração em todo território (Krenak, 2023, p. 24). Os excessos cometidos durante o período agravaram o desmatamento da floresta e causaram grande preocupação com os povos indígenas, que tiveram as suas terras invadidas e exploradas por posseiros e mineradores.

Em contrapartida, tais agravos acabaram por provocar e impulsionar a união desses povos de todo o país, ocasionando a fundação da União das Nações Indígenas (UNI), cujo objetivo inicial era garantir a posse legal da terra, impedindo as invasões e as desapropriações das terras indígenas. Neste sentido, para o autor, era urgente “sair da dependência da FUNAI [Fundação Nacional dos Povos Indígenas], promover educação e saúde nas aldeias com as mãos dos próprios índios” (Krenak, 2023, p. 25).

A narrativa apresenta as grandes perdas de personalidades indígenas que foram representantes da resistência de suas nações contra posses e invasões de territórios. A obra dá a conhecer nomes como o de Ângelo Kretan, liderança indígena do Povo Kaingang, eleito vereador por Mangua, no estado do Paraná, em 1976, pelo extinto partido MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Foi o primeiro indígena a assumir um cargo político no Brasil e destacou-se por defender politicamente os direitos do seu povo. Iniciou um movimento de retomada de terras indígenas na região de Mangua (PR), onde sofreu ameaças e uma emboscada no ano de 1980, vindo a falecer em um acidente automobilístico.

A obra aborda também Marçal de Souza, da etnia Guarani-Nhandevá, nascido em 1920 em Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul. Foi defensor dos povos indígenas e da demarcação de terras. Em seus discursos, denunciava as atrocidades feitas contra seu povo, sendo assassinado em 1983, também em uma emboscada. Mais tarde, em 2022, em homenagem póstuma, foi condecorado como Herói Nacional pelo Governo Federal do Brasil. Ambos,

Kretan e Marçal de Souza, foram mortos em períodos próximos, deixando um legado de enfrentamento à violência e à corrupção contra os povos indígenas.

Ao depararmos com a perda dessas duas personalidades que marcaram o movimento indígena, percebemos as narrativas de memórias que contribuíram para o enfrentamento político descrito como um processo histórico de resistência e lutas por territórios. Concorde-se com Santos (2015) quando salienta que a memória viva convida a pensarmos sobre a luta dos povos indígenas como uma recusa da dominação e da perda de sua identidade cultural.

Diante de um contexto de invisibilidade e aniquilamento da tradição ancestral, Ailton Krenak, conjuntamente com Sibupá (Xavante), preocupam-se em proteger as novas gerações dos grandes impactos sociais da civilização urbana. Assim, nasceu a inspiração, através de um sonho, da criação de um Centro de Pesquisa Indígena, que tem como objetivo ser um canal de contato entre os povos originários e o mundo exterior, dando prioridade à floresta como um ser vivo.

Os significados dos sonhos para o Povo Xavante atravessam uma dimensão real, pois eles fazem parte de visões proféticas. Krenak sonhou com a tradição indígena e o caminho que deveria seguir, mas, para o Xavante Sibupá, a profecia do sonho apresentou um futuro de destruição para a floresta e seu povo. Surge uma relação de colaboração mantida entre eles: fortalecer a proteção da floresta e resgatar as gerações futuras através do conhecimento ancestral. A esse respeito, o autor relembra o vínculo com os rios, a decisão em manter as tradições vivas e as suas próprias limitações. Foi necessário unir forças, contar as histórias indígenas contestadas e relacioná-las com os relatos contemporâneos (Smith, 2018).

A obra destaca o respeito pela floresta, pelos rios, pelos seres que habitam essas paisagens, bem como a intensa busca por preservar a herança advinda das memórias ancestrais. Ao contrapor histórias dos povos indígenas, (re)visitadas pelo autor, tais como a dos Ashaninka – povos que conservam tradições seculares e são semeadores e protetores da floresta – evidencia-se a força de sua cultura. Na Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, na Aldeia Breu, destaca-se o Rio Juruá, o seu principal afluente, considerado o maior rio sinuoso do mundo. Para os Ashaninka, os espíritos ancestrais estão presentes nesses lugares de resistência, onde habitam as marcas de lutas contra diversos invasores e dominações do seu território.

Para os Povos Yawanawá, a ancestralidade espiritual dialoga com as novas gerações. A vida às margens do Rio Gregório, na Aldeia Nova Esperança, ainda no sul amazônico, fortalece os conhecimentos tradicionais. Ao conquistarem a demarcação de suas terras, os Yawanawá buscaram a espiritualidade ancestral da floresta e divulgaram para os não indígenas seus rituais e modos de vida.

As aldeias dos Povos Huni Kuin ficam próximas do Rio Jordão. São conhecedores da ciência da floresta transmitida pelos encantados – os espíritos sagrados que habitam árvores, animais, rios e plantas. Nos anos de 1970, com a chegada dos seringueiros, perderam vidas e as suas terras. Somente depois de décadas, conseguiram reflorestar áreas degradadas e

garantir os seus direitos. As mulheres são tecelãs habilidosas, que transformam os fios de algodão em adornos e vestimentas para aldeia, guiadas pelo espírito Yube, a jiboia. E são elas que preservam a tradição dos desenhos geométricos do Kene Kuin, presentes na pintura corporal e no artesanato.

O Povo Yanomami vive em aldeias em diversos pontos da floresta ao norte do Brasil. Mantém as tradições e vivem livremente no seu território. Mas, nos anos entre 1960 e 1970, foram atacados pela política ditatorial brasileira, que ceifou muitas vidas. Para Yanomamis, a herança sagrada da ancestralidade precisa ser compartilhada. Cantar e festejar, como faziam os antepassados, atrai boas energias. Assim, a vida e a morte passam pelas águas do Rio Watoriki e a sabedoria ancestral cumpre o seu ciclo.

Contudo, essa ligação intensa com os territórios tradicionais não se dá de maneira isolada, mas tensiona um modo global vigente. No contexto do combate ao discurso de desenvolvimento hegemônico, capitalista e globalizante, cuja base é o consumo desenfreado, surgem as reflexões sobre as relações entre a separação da natureza e da cultura. Tais reflexões são objeto de análise da segunda parte da obra de Krenak.

A crítica referente à neutralidade suíça, fragmentando a urgência do enfrentamento da crise climática, desperta uma visão antropocêntrica de países considerados de primeiro mundo, cuja política excludente desrespeita a vida no planeta. Assim, a discussão de estabelecer um pensamento neutro aborda o envolvimento com os problemas relacionados à crise climática que abrange a coletividade, embora os discursos políticos hegemônicos manifestem uma atenuação da preocupação gerada pelo processo de globalização. O silenciamento diante da neutralidade suíça, em um momento decisivo para o mundo – tal como ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial –, é um processo intenso de exclusão, pregado pelas grandes potências mundiais. Ser neutro, salienta o autor, significa estar fora do mundo.

Ailton Krenak, no texto, nos convida a envolvermos-nos com afeto, buscando uma forma peculiar de borrar fronteiras. A saber, conectar-se com a Mãe Terra e com os ecossistemas em uma metamorfose de religação com a natureza. Ele nos deixa um convite a realizar uma dança cósmica que, nas palavras do autor, “implica um envolvimento total” (Krenak, 2023, p. 70).

A escrita da obra no formato de narrativas pessoais, as quais relatam vivências e coexistências nos territórios indígenas, é apresentada em um momento determinante — o do colapso ambiental que enfrentamos. Ao tecer as memórias ancestrais, o autor compõe nos capítulos o cruzamento de histórias nas diferentes tradições étnicas indígenas, articulando a resistência ancestral e a relação com a natureza. Conforme o autor: “A nova vida que nasce carrega consigo a memória do antigo. É o dinamismo que miscigena o velho e o novo, assim é a vida” (Krenak, 2023, p. 49).

A obra contribui para as discussões filosóficas de uma ecopedagogia crítica, pois envolve temas referentes à interculturalidade e descolonização do saber. As memórias ancestrais no texto introdutório reforçam a história dos povos indígenas e o combate ao apagamento dessas nações. Já a linguagem dos sonhos resgata uma filosofia da floresta, sustentada pela percepção ambiental milenar, o que oferece, ao leitor, reflexões que

despertam a criticidade e o conhecimento sobre os movimentos indígenas brasileiros.

Krenak é um autor contemporâneo que discute em suas diversas obras diferentes temas que afetam o mundo atual, desde atitudes individualistas e egoístas que causam danos à vida coletiva (Krenak, 2020a) até propostas de construção do bem viver (Krenak, 2020b; 2020c). O autor traz contribuições profundas no cenário da literatura contemporânea. A discussão de temas que rompem com a expectativa de apenas produzir textos mitológicos indígenas demonstra a autoria indígena como fonte histórica associada a uma crítica social.

Nessa perspectiva, destacam-se a autora indígena Linda Tuhiwai Smith, da etnia Maori da Nova Zelândia. Uma de suas principais obras, *Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos Indígenas* (2018), apresentou uma crítica aos métodos de pesquisa ocidentais, nos quais os saberes tradicionais são silenciados e os povos indígenas, categorizados.

O autor Daniel Munduruku, da etnia Munduruku, aborda nas suas obras as memórias de infância e desmistifica o estereótipo sobre os povos indígenas. Obras paradigmáticas como *Histórias de Índio* (2002) e *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* (2001) desconstruem a visão eurocêntrica e aproximam o aspecto educativo do movimento indígena brasileiro. Eles sustentam narrativas, discussões e reflexões sobre relações de poder, desigualdades, opressões e as resistências que moldam a sociedade.

O desfecho da obra mantém uma conexão mística com as correntezas dos rios que banham as aldeias visitadas por Krenak. Ao mesmo tempo em que o pensamento filosófico capta a relação entre a humanidade e a natureza, vê-a como a essência do cosmo. A água, que flui como continuidade da vida, carrega o sagrado e a sabedoria ancestral, confluindo e fortalecendo-se com outros rios (Santos, 2023).

A leitura desta obra é indicada para promover discussões no campo acadêmico, de educação formal e não formal, contribuindo para as temáticas sobre a história e a cultura dos povos indígenas brasileiros. Pode vir a colaborar no enfrentamento à violência e à invisibilidade desses povos, ao dar a conhecer e a convocar a preservação das suas tradições. No campo das ciências humanas, as narrativas do livro produzem um diálogo intercultural, possibilitando pesquisas e aprofundamentos sociais e filosóficos.

Poderiam se beneficiar da leitura da obra, tendo em vista o fortalecimento do diálogo intercultural e do saber ancestral, professores e educadores da educação básica à pós-graduação, conectados às dimensões sociais, perante a necessidade de sensibilização acerca dos impactos socioambientais em relação às gerações futuras.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Referências bibliográficas

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

\_\_\_\_\_. **Caminhos para a cultura do bem viver**. São Paulo: Cultura do bem viver, 2020b.

\_\_\_\_\_. De Ailton Krenak para quem quer cantar e dançar para o céu. *In*: XUCURU-CARIRI, Rafael; COSTA, Suzane Lima (orgs.). **Cartas para o Bem Viver**. Salvador: Boto Cor-de-rosa arte e café, 2020c. p. 20-22.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário**: um mergulho no rio da (minha) memória. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

\_\_\_\_\_. **Histórias de Índio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

\_\_\_\_\_. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando Metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Curitiba. Editora UFPR, 2018.

---

Recebido em: 16/11/2024 \* Aprovado em: 07/09/2026 \* Publicado em: 20/09/2026

---